

## PEQUENA HISTÓRIA DO CARNAVAL CARIOCA

### De suas origens aos dias atuais

*José Luiz de Oliveira*<sup>1</sup>

Resumo: O artigo empreende, em linhas gerais, uma análise do Carnaval na cidade do Rio de Janeiro, suas criações e letras de samba a partir dos vínculos entre história, política e cultura, e assim revisita desde as suas origens até as Escolas de Samba, cujas representações expressavam a busca do consenso e a defesa da *ordem interna* no contexto da ditadura militar.

Palavras-chave: Carnaval; Escolas de Samba; consenso; ordem interna; ditadura militar.

Abstract: The article aims at making in general terms an analysis of Carnival in city of Rio de Janeiro such as its creations and samba lyrics from the bonds linking history, politics and culture. In doing so, it revisits from its origins to the Samba Schools, which representations have expressed the search of consensus as well as defending the *internal order* in the historical context of the military dictatorship.

Keywords: Carnival; Samba School; consensus; internal order; military dictatorship.

#### **I – Introdução:**

O que leva um historiador que não é carnavalesco a se interessar, pesquisar e escrever sobre carnaval? Prova maior deste questionamento encontra-se no fato de que durante os famosos “Folguedos de Momo”, em 2012, praticamente me exilei em Teresópolis em um retiro quase que franciscano longe da grande festa que acontecia a poucos quilômetros na cidade do Rio de Janeiro. Procurarei responder a esta e outras indagações ao longo deste artigo que tem por objetivo fazer uma reflexão de uma das marcas da sociedade brasileira, o carnaval.

Carnaval e futebol sem dúvida alguma são duas grandes paixões da sociedade brasileira, independente de sexo, religião, idade, convicção ideológica, classe social, dentre outras diferenças. Essas duas manifestações são capazes de “pararem” o país unir desafetos, provocar desafetos, encerrar

---

<sup>1</sup> Professor do Colégio Pedro II, no Campus Tijuca II. Professor da rede particular de ensino da cidade do Rio de Janeiro. Mestre em História pelo PPGH da Universidade Federal do Rio de Janeiro (in memoriam).

um grande amor, começar um novo amor dentre outros paradoxos. Que outra manifestação pode levar elementos que compõem uma sociedade conservadora como a nossa a atos tão ousados? Um homem sair vestido de mulher pelas ruas. Uma modelo sair praticamente nua em uma Escola de Samba.

Uma artista pagar para ser rainha de bateria de uma Escola de Samba. Um senhor ou uma senhora urinar nas ruas e ser preso por ato obsceno. Um dos chefes do tráfico de drogas ser preso, pois estava em Maricá e pretendia sair em um bloco. Um cidadão invadir um recinto onde estavam sendo apuradas as notas dos desfiles das Escolas de Samba de São Paulo e rasgar os envelopes com as notas dadas por jurados arriscando-se a ser morto. E olha que o local estava cercado de seguranças e policiais, com a presença da imprensa e sendo transmitido ao vivo para todo o país. Certamente, em condições normais tão cidadão não agiria desta forma, pois saberia que seria facilmente identificado e preso em virtude de seu ato, digamos, ousado.

Evidentemente, o carnaval não é a única grande festa da sociedade brasileira e não é praticado apenas em nosso país. Também não é a única a gerar inúmeros empregos e receita tanto para o Estado como para a iniciativa privada. Por que deste fascínio que o coloca junto com o futebol em uma das marcas da sociedade brasileira? Afinal de contas ao se falar em Carnaval imediatamente se pensa no Brasil: “Brasil, país do Carnaval” ou ao se falar em Futebol mais uma vez se pensa em Brasil: “Brasil, país do Futebol.”.

Ao longo deste artigo tentaremos responder estas e outras indagações sobre o Carnaval que a partir de meados do século XX tem nas Escolas de Samba do Rio de Janeiro um de seus grandes eventos. Temos que deixar claro que carnaval não é sinônimo de Escola de Samba, pois há outras formas de se “brincar” no carnaval, formas tão ricas e importantes. Temos também a considerar que o Rio de Janeiro não é o único lugar do Brasil a apresentar um grande carnaval. Como bons exemplos podemos citar: o carnaval de Salvador, Recife, Ouro Preto e até mesmo o desfile das Escolas de Samba de São Paulo. Todavia, em virtude da impossibilidade de estudarmos todos esses temas que são

bastante complexos, limitaremos nossas análises ao Carnaval da cidade do Rio de Janeiro e ao seu momento mágico, o desfile das Escolas de Samba que para muitos é o maior espetáculo da terra, muito embora tal afirmativa apresente um certo grau de ufanismo. Todavia, para chegarmos as Escolas de Samba iremos realizar uma abordagem sucinta das origens do Carnaval até o surgimento das Escolas de Samba e de seu momento maior, os desfiles de Carnaval que este ano, 2012, completa 80 anos, visto que o primeiro desfile realizou-se em 7 de fevereiro de 1932. No entanto limitaremos nosso artigo ao carnaval de 1985, visto que a partir de 1986, o desfile das Escolas de Samba passou a ser coordenado pela Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA) tirando o até então monopólio exercido pelo Estado através da RIOTUR, o que iria provocar uma mudança considerável sobre os desfiles, destacando-se a possibilidade das Escolas de Samba apresentar temas não nacionais, prática existente deste o Estado Novo.

## **II – As origens do carnaval:**

Carnaval. A palavra carnaval viria do baixo latim, *carnelevamen*, que significa “adeus à carne”, em uma alusão à terça-feira gorda, o último dia do calendário cristão em que é permitido comer carne. Segundo o dicionário Aurélio “seriam os três dias imediatamente anteriores à quarta-feira de cinzas, dedicados a diferentes sortes de diversões, folias e folguedos populares, com disfarces e máscaras”.

Semanticamente, a palavra carnaval pode significar: confusão, trapalhada ou desordem. Por tanto, carnaval seria uma festa que quebra, momentaneamente, a ordem social rígida. Seria o momento extraordinário marcado pela alegria e por valores que contrariam a violenta hierarquia da sociedade. No carnaval é quebrado o cotidiano, isto é, a dura realidade da vida, pois, através duma inversão hierárquica, são os grupos ordenados para “brincar” que assumem o controle da festa. Neste aspecto notamos uma grande contradição: a ordenação da própria alegria e o planejamento do riso nos leva a

acreditar que o carnaval é um momento onde tudo pode ocorrer, pois a lei é não ter lei. Por esta razão uma das características do carnaval é dar aos setores subalternos da sociedade em qualquer época o direito de criticar e zombar dos seus senhores o que levou o antropólogo Roberto da Matta a conceituar o carnaval como sendo a festa invertida. Segundo este mesmo autor, a sociedade se expressa através de uma afirmativa típica de uma sociedade violentamente estratificada: “você sabe com quem esta falando?”. Todavia, no carnaval verificaríamos uma inversão dos papéis e das posições sociais, embora circunstancial e provisório, pois quando a festa termina há uma retomada das posições do cotidiano. Assim, somente durante a festa, o homem pode se vestir de mulher, o adulto de criança, o pobre de nobre, o homem de animal e assim por diante. Alguns historiadores chegam a afirmar que as origens do carnaval são encontradas uns 10.000 anos antes de Cristo. Velhos textos declaram que ele teve sua origem no culto agrário praticado pelos povos da Antiguidade – homens e mulheres mascarados, com corpos e caras pintadas com carvão, cobertos de peles ou de plumas, saíam em bandos, constituindo estranhos cortejos que invadiam as casas em uma terrível algazarra, gritando: “afastai-vos, demônios”. Todavia, para o médico e pesquisador Hiran Araújo em seu livro carnaval “relata que a origem das festas carnavalescas não tem como ser precisamente estabelecida, mas que deve estar relacionada aos cultos agrários, às festas egípcias e, mais tarde ao culto a Dionísio, ritual que acontecia na Grécia, entre os anos 605 e 527 a.C. Uma coisa, porém é comum a todos: o carnaval tem sua história, como todas as grandes festas, ligada a fenômenos astronômicos ou da natureza. O carnaval se caracteriza por festas, divertimentos públicos, bailes de máscaras e manifestações folclóricas.”.

Na Grécia e Roma Antiga saíam desfiles com pessoas mascaradas e um formidável carro, parecido com um barco, puxado por cavalos enfeitados, transportado mulheres nuas e homens que cantavam canções obscenas. Era o *Carrus novalis*, um carro carregando um imenso barril que servia vinho ao povo. Eram, portanto, festas populares conhecidas como dionisiacas (Grécia), saturnais e

lupercais (Roma) onde a alegria desabrida, a eliminação da censura e da repressão, possibilitava uma liberdade de atitudes críticas e eróticas.

O carnaval dos povos da Antiguidade foi adotado pelo mundo católico com pequenas modificações, se bem que guardando seus traços característicos tais como a dança e os disfarces. No mundo cristão medieval correspondia ao período das festas profanas que se iniciava geralmente no dia de Reis se estendendo até a quarta-feira de cinzas, dia que começavam os jejuns da quaresma.

Em um primeiro momento podemos concluir que as origens do carnaval, isto onde e como surgiu, são imprecisas e a única coisa que podemos afirmar seria o fato de que embora em sua essência a festa mantivesse suas características, tais como: a alegria, a dança e a música, na sua forma iram sofrer inúmeras modificações ao longo dos anos, adaptando-se as características de cada momento histórico e de cada sociedade.

### **III – O carnaval brasileiro – do Entrudo ao Samba:**

A partir do século XI, o carnaval será celebrado de uma maneira diferente em cada região europeia. Na Península Ibérica, mais precisamente em Portugal o carnaval era festejado tendo como costume pregar peças. Esta brincadeira recebia o nome de entrudo que significa início. Foi justamente este hábito que os colonizadores europeus – portugueses e espanhóis - introduziram na América Latina a partir do século XVI. A brincadeira do entrudo se consistia na prática de jogar água ou pó uns nos outros e em alguns casos lama e até excrementos.

Há um registro, de 1553, do Engenho Camarajibe, perto de Olinda (PE), de uma “terça-feira de entrudo”, antes da quarta-feira de cinzas. No Rio de Janeiro, as brincadeiras de rua eram descontroladas, chegando a assustar os viajantes, que consideravam o evento selvagem. Mas havia duas formas de brincar: além da mais popular, das ruas: o entrudo familiar, dentro das casas<sup>2</sup>.

A brincadeira do entrudo manteve-se praticamente inalterada até a segunda metade do século XIX, quando o carnaval começaria a sofrer um processo de transformação. A grande novidade seriam

---

<sup>2</sup> O Globo – 11 de fevereiro de 2012.

os bailes de máscaras inspirados no carnaval veneziano. Paralelamente, a repressão policial contra o entrudo torna-se mais presente, uma vez que as famílias aristocráticas passam a participar de tais bailes abandonando, paulatinamente, os seus sobrados e deixando de serem simples espectadores para se tornarem participantes ativos da festa. Daí se justificar o combate mais intenso à “brincadeira” do entrudo, pois as “boas” famílias não poderiam ficar à mercê de suas “brutalidades”. No Rio de Janeiro a proibição do entrudo foi decretada em 4 de fevereiro de 1853 e no Recife data de 1863. Mesmo assim, a prática do entrudo continuou uma vez que a tradição se impunha à repressão. Anos mais tarde, o jornal *Gazeta de Notícias* publicava:

[...] Este ano, em vez de bisnagas de borracha, que bem boas constipações promoviam e tivemos uma novidade, os confetti parisienses que constituem em algumas rodela de papel, inofensivas e limpas e que constituem, por assim dizer, um passatempo agradável para os rapazes e moças<sup>3</sup>.

Paralelamente ao processo de declínio do entrudo, o carnaval conheceria um novo personagem – o Zé Pereira. A criação deste elemento carnavalesco coube ao português José Nogueira de Azevedo Paredes, que tinha uma oficina de sapateiro na Rua São José 22. A figura do Zé Pereira que iria surgir em 1846 se constituía em um personagem que saía pelas ruas batendo um bumbo descompassado e sua prática difundiu-se rapidamente entre as camadas populares. Quanto à origem do nome encontramos, basicamente, duas versões: a primeira é que o bumbo, em Portugal, é chamado Zé-pereira: a segunda é que os companheiros de José Nogueira, no auge da bebedeira, trocaram o nome do chefe dando vivas ao Zé Pereira, inspirados na canção francesa muito cantada na época – “Les Pompiers de Nanterre”, de autoria de Antonin Louis:

E viva o Zé Pereira  
Que a ninguém faz mal  
E viva a bebedeira  
Nos dias de Carnaval:  
Viva o Zé Pereira  
Viva, viva, viva!<sup>4</sup>

Apesar de inofensivo, mas pelo fato de ser uma manifestação popular, o Zé-Pereira não ficou livre de ataques. Assim, conforme nos relata Ari Araújo, a revista “Rua do Ouvidor” publicada em seu número 90, de 27 de janeiro de 1900:

<sup>3</sup> ALENCAR, Edigar. *O Carnaval Carioca através da Música*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 109.

<sup>4</sup> TINHORÃO, J. Ramos. *Pequena História da Música Popular (da Modinha à Canção de Protesto)*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 109.

Quem não conhece o Zé Pereira? Que infeliz conduto auditivo não foi, ainda, alvo de surra musical da diabólica e lusa invenção? Se nessa terra de impostos houvesse polícia e ela lesse as reclamações do público, de há muito, por toda parte, se não ouviriam, aos domingos e dias santificados, insuportabilíssimos rufos de tambor e pancadaria de bombo com acompanhamento de sinos e cornetas! Numa cidade que se pretende civilizada, a polícia não acode aos desditosos habitantes martirizados por alguns engraçados sem espírito que levam horas inteiras espancando as peles dos zabumbas, quando os próprios é que deveriam ser escovados, uma vez que a autoridade consente semelhantes exhibições grotescas, inqualificáveis, dignas de zulus ou cafres boçais.<sup>5</sup>

Concluiu-se, portanto, que a partir de meados do século XIX, o tradicional “carnaval ibérico” chamado “entrudo” começou a ser gradativamente substituído pelo “carnaval veneziano”, o qual mais tarde seria chamado “grande carnaval” e a seguir simplesmente “carnaval”. Esta transformação foi uma das consequências da maior participação das tradicionais famílias patriarcais diretamente aos folguedos de Momo, através dos bailes de máscara como já eram realizados na Europa. Cabe acrescentar que a mesma modificação é verificada em Portugal onde nas grandes cidades como Lisboa e Porto proliferavam os bailes de máscaras. Com isso, em Portugal, teríamos dois tipos de carnaval, o veneziano praticado nas grandes cidades e o entrudo que resistia nas pequenas cidades e povoados. Já no Brasil as pressões exercidas pela polícia sobre manifestações carnavalescas do tipo entrudo ou do tipo Zé-Pereira estavam fadas ao desaparecimento.

As primeiras máscaras chegaram da Europa, em 1835, porém o primeiro baile só iria ocorrer, em 1840, graças à iniciativa de um casal de hoteleiros proprietários do Hotel Itália, localizado no Largo do Rocio, atualmente Praça Tiradentes. A partir daí os bailes de mascaras se proliferaram pelo Rio de Janeiro. Paralelamente, começam a surgir os clubes dançantes, sendo os mais famosos o Clube Guanabara, o Clube do Rio Comprido, o Clube dos Tucanos e a *Societè Française de Gymnastique*.

---

<sup>5</sup> ALENCAR, Edigar. op. cit. In: ARAÚJO, Ari. *As Escolas de Samba um episódio antropofágico*. Petrópolis: Vozes/Seec-RJ, 1978, p. 46.

Com a participação das famílias tradicionais no carnaval, através dos “bailes de máscaras”, a pequena burguesia chegaria às ruas. Deste modo, são organizadas as chamadas “Sociedades Carnavalescas”. Nelas participavam elementos da alta intelectualidade brasileira, como o escritor José de Alencar que era membro do primeiro clube carnavalesco, o Congresso das Sumidades Carnavalescas, que em 1865, realizaria o seu primeiro desfile.

O aparecimento das “Sociedades Carnavalescas” se constitui em um grande marco do carnaval, pois, com elas, iria se institucionalizar o chamado carnaval-desfile com a presença dos carros alegóricos. Mesmo sendo uma imitação do carnaval europeu, as “Sociedades Carnavalescas” não limitavam suas atividades aos quatro dias de carnaval. Simultaneamente, realizavam todo um trabalho filantrópico de apoio às comunidades e às grandes causas políticas. Neste sentido, eram abolicionistas, republicanos e defensores das liberdades democráticas. As mais importantes “Sociedades Carnavalescas” eram os “Tenentes do Diabo”, fundada em 1855, o “Clube dos Democráticos”, de 1867, e o “Clube dos Fenianos”, de 1869.

Para as “Sociedades Carnavalescas” a militância política era tão importante quanto o próprio desfile. Foi por isso que no carnaval de 1864, por falta de recursos financeiros, os “Tenentes do Diabo” não realizaram o seu tradicional desfile, pois todo o dinheiro arrecadado para o evento foi utilizado na compra de 12 escravos que ganharam o direito à liberdade. Além da causa abolicionista, as “Sociedades Carnavalescas” defendiam outras questões de vanguarda para época, tais como o voto feminino que só seria adotado no Brasil a partir de 1932.

Além das “Sociedades Carnavalescas”, a segunda metade do século XIX conheceria o aparecimento de um outro elemento de grande importância no Carnaval, os Ranchos. Ao contrário da brincadeira do Entrudo e do Zé Pereira, manifestações populares sem nenhuma ostentação, os Ranchos, também de origem popular, se notabilizavam pela presença do luxo em suas fantasias. Tal



característica insere-se nos conceitos de Roberto da Matta anteriormente citados, a festa invertida, onde elementos das baixas camadas se fantasiavam tendo como modelo os trajes das elites dominantes.

Embora haja muitas divergências acerca da data de origem dos primeiros Ranchos, Jota Efegê afirma que a sua introdução no Carnaval carioca ocorreu por iniciativa do baiano Hilário Jovino Ferreira, no dia 6 de janeiro de 1894:

Chamava-se Paraíso, porém era um botequim. Estava localizado na Rua Larga de São Joaquim (atual Avenida Marechal Floriano), entre as ruas da Imperatriz (atualmente Camerino) e do Regente (hoje Regente Feijó). Nele, vários baianos, componentes da boêmia e das rodas-de-samba da época (1894), faziam ponto (...).  
 Numa das costumeiras reuniões do grupo da “boa terra”, justamente no dia 6 de janeiro do ano citado. Hilário lançou o convite aos companheiros: “Como é, gente! Vamos fundar um Rancho?”. E como o assentimento foi logo demonstrado expansivamente, ali mesmo acertaram a denominação que seria dado ao conjunto carnavalesco cuja constituição nos moldes dos da Bahia teria a característica dos pastoris. Aproveitando a data todos também concordaram com o nome proposto: Rei de Ouros.<sup>6</sup>

Após a iniciativa de Hilário Jovino Ferreira outros Ranchos surgiram e tornaram-se a grande atração do Carnaval carioca. Esses grupos apresentavam, entre os seus participantes, uma grande solidariedade, uma verdadeira paixão por suas cores e por seus símbolos. Devemos considerar que várias características dos Ranchos, tais como: cores, símbolos, fantasias de luxo, esplendores, mestre sala e porta estandarte, divisão em alas, enredo, dentre outras, foram aproveitadas, mais tarde, tanto pelos blocos como pelas Escolas de Samba.

Ao contrário dos Ranchos, os primeiros blocos se caracterizavam pela ausência de luxo em suas fantasias, bem como por não apresentarem um enredo. Um dos blocos mais importante e famoso de sua época foi o “Vai como Pode”, de Oswaldo Cruz, que mais tarde se tornaria uma das Escolas de Samba mais importante da cidade do Rio de Janeiro, Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela,

---

<sup>6</sup> EFEGÊ, Jota. *Figuras e Coisas do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Funarte, 1982, pp. 88-9.

nome sugerido pelo delegado Dulcídio Gonçalves que considerava o nome da agremiação de muito mau gosto.

Em 1935, (o delegado) não quis renovar a licença da Vai como Pode, por considerar vulgar. Ele perguntou: “De onde vocês são?”, Paulo da Portela respondeu: “Da Estrada do Portela”. “Então a partir de hoje vocês são Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela”, retrucou<sup>7</sup>.

Os blocos dependiam para existir de elementos com capacidade de liderança e, normalmente, desenvolviam rivalidades bairristas. Com bons exemplos de lideranças destes blocos podemos citar: Paulo da Portela (Paulo Benjamim de Oliveira) e Cartola (Agenor de Oliveira), o primeiro um dos fundadores da Portela e o segundo um dos fundadores da Mangueira.

O principal fator de brigas entre dois blocos seria o roubo do estandarte de um deles. Este só seria devolvido no ano seguinte e teria que ser buscado no local de ensaios do bloco que havia realizado a façanha. Havia blocos que já iniciavam suas apresentações dispostos a brigas, com as fantasias de baianas, vestidas geralmente por homens, para esconder as armas que eram utilizadas durante os conflitos. Segundo Cartola, o “Bloco dos Arengueiros”, berço da Estação Primeira de Mangueira era formado por gente da pior espécie que desfilava no Carnaval não com o objetivo de se divertir, mas com o objetivo de arrumar confusão. Devemos considerar que haviam, também, blocos formados por famílias dispostas apenas a brincar o Carnaval. Mesmo assim, até mesmo estas agremiações sofriam a repressão policial. Afinal de contas, o Carnaval era um divertimento de brancos das camadas ricas da sociedade e não uma festa de negros e mulatos pertencentes as camadas inferiores. No final do século XIX não era permitido a negros e mulatos percorrem as ruas centrais da cidade em cortejo. Alegavam as autoridades que tais grupos semeavam a desordem e a violência, obrigando-os a se refugiarem no fundo dos pátios de cortiços e nos quintais, ou nas vielas e becos, a fim de cantarem e dançarem durante o carnaval.

---

<sup>7</sup> Jornal Extra – Segunda-Feira, 30 de janeiro de 2012.

A discriminação direcionada para os negros e mulatos provocou a divisão do carnaval. Por um lado, teríamos o chamado Pequeno carnaval expressão utilizada para designar as manifestações carnavalescas de origem africana. Por outro lado, teríamos o chamado “Grande Carnaval” praticado pelos setores privilegiados da sociedade e que utilizavam danças e músicas de origem europeia, tais como as polcas, os xotes, as valsas, dentre outros.

No início do século XX, para sermos mais precisos, no dia 1º de fevereiro de 1907, surgiria um novo “brinquedo” carnavalesco, o Corso. Segundo conta Eneida de Moraes:

[...] às 17 horas, entraram na avenida Central - atual Rio Branco - em carro do Palácio Presidencial, as filhas do Dr. Afonso Pena, então Presidente da República, acompanhadas pelo Dr. Edmundo Veiga, secretário da Presidência. O carro fez o percurso da Avenida de extremo a extremo e voltando parou em frente ao edifício da Comissão Fiscal das Obras do Porto, onde a família do Presidente da República subiu assistindo das janelas do mesmo edifício aos folguedos carnavalescos. Este ato parece que entusiasma aqueles que no momento possuíam carros e logo depois várias pessoas começaram a ir-e-vir pela Avenida, subindo-a e descendo-a enquanto jogavam, de um lado para outro, serpentinas, confetes e até mesmo esguichadas de lança-perfumes. A moda estava lançada [...].<sup>8</sup>

A partir daí, notamos uma crescente institucionalização do Carnaval pelo Estado, que se manifesta pela mediação dos recursos financeiros dentro de uma lógica empresarial, realizando uma seleção dos seus participantes. Foi dentro deste contexto que surgiam as Escolas de Samba que tem suas origens ligadas aos segmentos mais humildes da sociedade, isto é, indivíduos sem profissão definida ou migrantes de áreas rurais que ocupavam posições subalternas na sociedade. Por esta razão, ao longo de toda a década de 20 do século passado, o samba esteve associado à ideia de criminalidade. Daí os sambistas serem presos e enviados para a periferia da cidade, onde eram obrigados a trabalhos forçados como limpeza de cascos de navios.

#### **IV – Escolas de Samba – o momento mágico do carnaval carioca:**

---

<sup>8</sup> MORAIS, Eneida. *História do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 124.

A origem do nome Escola de Samba apresenta uma série de versões. A primeira é atribuída a Almirante apelido de Henrique Foréis Domingues, cantor, compositor e radialista. Segundo Eneida de Moraes:

Almirante, com sua prodigiosa memória, seu fabuloso arquivo, seus conhecimentos de música popular e sua alta patente de rádio, acha que em 1915-1916, quando Olavo Bilac impulsionou a criação das linhas de Tiro de Guerra, isto deu aos meninos de família as expressões de caserna e uma das mais marcantes era a de convocação: “Escola! Sentido!”. Esta expressão começou então a ser muito usada e aplicada em todos os agrupamentos. Esse brado começou a aparecer nos sambas lá pelo final da primeira década” (do século passado)<sup>9</sup>.

A segunda versão, a mais aceita, é atribuída a Ismael Silva e está articulada à existência, no Estácio, da Escola Normal, antiga Escola Normal da Corte, localizada na Rua Joaquim Palhares, mais tarde transferida para a Ria Mariz e Barros com o nome de Instituto de Educação e hoje uma das sedes da FAETEC. Próximo deste Escola, os sambistas do bloco “Deixa Falar” se reuniam e, como se consideravam “Mestre do Samba”, passaram a denominar o bloco de Escola de Samba Deixa Falar. Todavia, a Deixa Falar nunca desfilou como Escola de Samba. No carnaval de 1932, quando foi realizado o primeiro desfile das Escolas de Samba, os componentes da “Deixa Falar” resolveram desfilar como Rancho que na época tinha mais prestígio que as Escolas de Samba. Entretanto, o desfile foi um fracasso e no mesmo ano de sua fundação a “Deixa Falar” foi extinta.

No nosso entender, o termo Escola de Samba envolve um sentido mais sério, isto é, a necessidade dos elementos das baixas camadas demonstrarem uma noção de organização e seriedade à sociedade como um todo. Assim, valendo-se de uma palavra que possibilitava, teoricamente, a chance de ascensão social, os sambistas buscavam um meio de obter o mesmo prestígio e respeito de que gozavam o Corso, as Grandes Sociedades e os Ranchos, no final da década de 1920 e início dos anos 30 do século passado. Uma prova de que os sambistas buscavam tal ascensão está no fato de terem

---

<sup>9</sup> Idem, p. 228.

copiado toda sua estrutura de desfiles dos Ranchos, isto é, as alas, o termo pastora, as alegorias, o abre-alas, o mestre-sala e a porta-estandarte, que passou a ser denominada porta-bandeira, etc.

O primeiro concurso de samba de que se tem notícia ocorreu no dia 20 de janeiro de 1929, data que se comemora o Dia de São Sebastião padroeiro da cidade do Rio de Janeiro. O concurso foi organizado por José Gomes da Costa, o Zé Espinguela, morador do Engenho de Dentro, na atual Rua Adolfo Berganini. Participaram deste concurso apenas três Escolas: Oswaldo Cruz (Portela), Mangueira e Estácio. A vitória coube a Portela com um samba de Heitor dos Prazeres, denominado “Não adianta chorar”:

Não adianta chorar, ó mulher  
Sou eu que não quero você  
Se é pecado me perdoa  
Eu te odeio até morrer  
Bem, podes crer.<sup>10</sup>

Nos anos seguintes, 1930/1931, embora houvesse desfile de Escolas de Samba nos subúrbios da cidade e na Praça Onze não houve concurso. Assim sendo o primeiro concurso com desfile e não apenas com apresentação de música ocorreu em 7 de fevereiro de 1932.

A ideia de promover uma competição entre as Escolas de Samba, inicialmente, não partiu do Estado, mas sim de um repórter muito ligado ao “mundo do samba”, Carlos Pimentel que propôs a ideia ao jornalista Mário Filho (1908-1966), irmão de Nelson Rodrigues. Dono do jornal "Mundo Sportivo", Mário inventou a competição sambista para suprir a falta de notícia nas entressafas dos campeonatos de futebol. Como os cursos passavam no domingo, os ranchos na segunda e as grandes sociedades na terça, não havia local para as escolas na Avenida Rio Branco, local oficial dos desfiles de carnaval. Adotou-se como local a Praça 11 de Junho. Na estreia, desfilaram dezenove escolas e teve a *Mangueira* como sua campeã com o samba “Sorrindo”, de autoria de Zé com Fome. *Linha do Estácio* e

---

<sup>10</sup> Disponível em: [www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/capitulo-1.htm](http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/capitulo-1.htm)

*Vai como Pode* (que se tornaria a Portela futuramente), ficaram com o segundo lugar; o terceiro colocado ficou com *Para o Ano Sai Melhor*, seguido da *Unidos da Tijuca*. (CABRAL, 1974, pp. 97-98)

Era uma ideia revolucionária, pois os desfiles das Escolas de Samba, até então desconhecidos às demais regiões da cidade, seriam apreciados por um público maior e mais diferenciado e certamente mais exigente quanto a sua qualidade. Todavia, a nova manifestação carnavalesca continuava sofrendo um forte preconceito, pois era uma manifestação cultural de origem negra. Por exemplo, a cuíca foi chamada pelo redator do referido jornal de “puíta” e que, segundo ele, apresentava um som totalmente diferente, “único e inconfundível”. Coube a Mangueira com o Enredo “A Floresta” a vitória neste primeiro desfile.

Com o fim do "Mundo Sportivo", o jornal "O Globo" assume a organização dos desfiles das Escolas de Samba em 1933. Este desfile introduziu dois novos quesitos no regulamento que são mantidos até hoje: a obrigatoriedade da ala das baianas e a proibição de instrumentos de sopro na bateria que só poderia se apresentar com instrumentos de corda e de percussão. A Mangueira mais uma vez ganha o primeiro lugar, ficando em segundo a Azul e Branco do Morro do Salgueiro, em terceiro Unidos da Tijuca, em quarto lugar empatadas as Escolas de Samba De mim Ninguém se Lembra e Vai Como Pode e em quinto lugar União do Uruguai. Em virtude do grande sucesso do desfile de 1932 o número de Escolas que participaram deste desfile aumento para 28 no total, ou seja, nome a mais do que o ano anterior.

A partir daí, as Escolas de Samba começaram a ser utilizadas como canal de comunicação entre o governo e as camadas pobres dos centros urbanos. Acreditavam as autoridades que, controlando as manifestações culturais dos setores de baixa renda da cidade, seria mais fácil deter o avanço das manifestações populares. Dentro deste contexto é que inserimos as Escolas de Samba, manifestação que reunia os habitantes das favelas e subúrbios cariocas, como agentes de projeção de uma imagem paternalista do próprio Estado. Assim, em 20 de janeiro de 1934, dia do padroeiro da cidade do Rio

de Janeiro, São Sebastião, as Escolas de Samba resolveram organizar um desfile, no Campo de Santana, para homenagear o prefeito da cidade, o médico Pedro Ernesto. A vitória deste desfile extra-carnaval coube a Mangueira. Neste mesmo ano, não houve concurso de Escola de Samba no carnaval, pois o então presidente da Mangueira, Saturnino Gonçalves, não aceitou que a vitória fosse dada por aclamação popular, uma vez que, na sua opinião os desfiles deveriam ser julgados por pessoas que conhecessem literatura, poesia, e música, pois tal fato demonstrava um sentido de organização. Deste modo, tornava-se necessário a organização de uma instituição como o objetivo de coordenar as Escolas de Samba. Deste modo surgiu, em 1934, a União Geral das Escolas de Samba, com sede na Rua Barão de Itapagipe, número 393.

Tendo um órgão representativo e sendo de interesse do próprio Estado, o prefeito Pedro Ernesto oficializou, em 1935, o desfile das Escolas de Samba pondo um ponto final a marginalização do samba.

Os desfiles das Escolas de Samba chamados então de “cortejos”, aos poucos vão adquirindo importância gradativa. Com a implantação do Estado Novo, torna-se obrigatório temas nacionais nos desfiles oficiais das Escolas, inserindo nestes a temática do nacionalismo de cunho ufanista. Mesmo após a queda da ditadura estadonovista e da chamada redemocratização, com a implantação da República Populista (1945/6 a 1964), a obrigatoriedade de temas nacionais foi preservada. Com isto, as Escolas de Samba se transformaram em um dos principais agentes divulgadores e louvadores dos vultos da historiografia oficial.

Com a implantação do regime deslançado pelo Movimento Político-Militar de 31 de março de 1964, a chamada Revolução de 1964, novas mudanças são produzidas. De um lado, a chamada classe dominante se distância do Carnaval passando a simples espectadora e, por outro lado, a crescente urbanização e industrialização provocavam a decadência do Carnaval Veneziano e a ascensão do

Carnaval Desfile. Esta substituição ocorre pelo aprofundamento da estratificação social, notando-se uma nítida separação de classes que se refletirão nesta nova modalidade do carnaval.

Verifica-se, também, a ação dos veículos de comunicação de massa, principalmente, a televisão, procurando canalizar para o domínio do estético e do exótico o Carnaval, em especial o desfile das Escolas de Samba, momento maior da festa de Momo, retirando ou esvaziando o seu conteúdo crítico e comunitário. É a época do luxo onde o samba assumiu um aspecto bem mais próximo dos desfiles das Grandes Sociedades da primeira metade do século XX, ou das chamadas “Krewes” do Carnaval de Nova Orleans.

A partir dos anos 60 do século XX desfilar em um Escola de Samba, tornou-se fator de status levando a que figuras tradicionais do chamado “Mundo do Samba” fossem substituídas, em importância, por elementos das classes dominantes, mudando a feição dos desfiles de um aspecto romântico, quase ingênuo, para o luxo e profissionalismo.

Os governos “revolucionários” vão se apropriar desta nova fase do Carnaval, onde predomina o luxo, a ostentação e a riqueza, para promover no exterior a imagem de um Brasil grande, de um país que vai para frente, com um povo ordeiro, feliz, bonito e bem alimentado. Paralelo a isso há um empobrecimento das letras dos sambas de enredo no sentido de facilitar a memorização por parte daqueles que pouco ou não freqüentam os ensaios. Agora, o samba enredo passa a se assemelhar com as antigas marchinhas de Carnavais passados e, portanto, mais comerciáveis.

Assim, a partir de 1968, quando em decorrência do Ato Institucional nº 5 o país conheceria os chamados “anos de chumbo”, nota-se um esforço maior para desestruturação da velha ordem populista que implicava na possibilidade crescente dos avanços das esquerdas e a crescente autonomia dos movimentos sociais, agora atingindo, também, os setores rurais, em torno de reivindicações sustentadas em idéias tais como “justiça social” e “progresso”. Paralelamente, o período conheceria um forte crescimento econômico que recebeu a denominação de “Milagre Brasileiro”, onde o volume



de crescimento médio da economia brasileira atingiu 11% ao ano. Era a fase áurea do modelo econômico chamado de capitalismo associado que marcaria a integração do capital estatal, do capital multinacional e do capital nacional. Ao mesmo tempo, a forte centralização jurídica, política e administrativa garantia ao bloco governista uma crescente concentração de poderes que permitia uma permanente ampliação de suas funções, viabilizando o seu projeto e excluindo os setores sociais dominados, agora desorganizados por uma gigantesca repressão estatal-policial, que evidentemente irá se refletir no carnaval, a maior manifestação da cultura popular-urbana do país. Como exemplo, podemos citar um incidente ocorrido nos preparativos do carnaval de 1969, quando já estava em vigência o Ato Institucional nº5. Para este carnaval o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, tinha como tema de enredo “Heróis da Liberdade”, com um samba de autoria de Silas de Oliveira, Mano Décio da Viola e Manoel Ferreira. Um dos versos do samba tinha a seguinte letra:

[...]. Ao longe, soldados e cantores  
 Alunos e professores  
 Acompanhados de Clarins  
 Cantavam assim  
 Já raiou a liberdade  
 A liberdade já raiou  
 Essa brisa que a juventude afaga  
 Esta chama que o ódio não apaga  
 Pelo universo é a evolução  
 Em sua legítima razão  
 Samba, oh samba.  
 Tem a sua primazia  
 De gozar de felicidade  
 Samba, meu samba.  
 Presta esta homenagem  
 Aos heróis da Liberdade.

A Delegacia de Ordem Pública e Social - DOPS - julgou o samba um tanto subversivo. Chamou os autores para que explicassem suas “intenções”. Mano Décio falou que levaram uma “chamada” do General França. A este oficial superior, Silas de Oliveira, tímido ex-soldado nº 250 do 7º CADO, respondeu “eu não tenho culpa de retratar a História, não fui eu que escrevi. Como eu fiz, o Senhor poderia ter feito”.

Mesmo quando o “Milagre Brasileiro” se deteriorava e se desenvolviam pressões que iriam desembocar no “processo de distensão” do Presidente Ernesto Geisel, grande parte das forças sociais eram excluídas das discussões e das decisões de medidas tomadas pelo governo. O “Milagre”, na verdade, fazia ressurgir a imagem contraditória dos dois Brasis, o Brasil Real e o Brasil Oficial.

É neste clima que se inicia a ascensão de uma das mais polêmicas Escolas de Samba de todos os tempos, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis. Esta Escola de Samba que nos anos de 1974 e 1975 desenvolveu temas alusivos ao Regime Militar implantado pelo movimento de 1964, respectivamente “Brasil ano 2.000” e “Grande Decênio”, obteria um tri-campeonato entre 1976/1978, tendo no luxo e na ostentação o segredo do sucesso. Coincidência ou não, o fato é que em 1974 e 1975 a Escola de Samba Beija Flor apresentou enredos cujas letras dos sambas de enredo procuravam enaltecer o Regime Autoritário implantado no país pelo golpe militar de 1964, respectivamente “Brasil ano 2000” e o “Grande Decênio”. O primeiro enredo, de caráter futurista, procurava apresentar os resultados do “Milagre Brasileiro” que transformariam o Brasil em uma superpotência. O segundo enredo buscava enaltecer os 10 anos “gloriosos” pós-64 e as grandes obras do Regime Militar.

*Brasil ano 2000*

É estrada cortando  
A mata em pleno sertão  
É petróleo jorrando  
Com afluência do chão  
Sim, chegou a hora  
Da passarela conhecer  
A idéia do artista  
Imaginando o que vai acontecer  
No Brasil do ano 2000  
Quem viver verá  
Nossa terra diferente  
A Ordem do Progresso  
Empurra o Brasil pra frente...

Que ampara o homem do campo  
Com segurança total  
O comércio e a indústria  
Fortalecem nosso capital  
Que no setor da economia  
Alcançou projeção mundial  
E lembraremos  
Lembraremos também  
O MOBREAL sua função  
Que para tantos brasileiros  
Abriu as portas da educação (...).

*O Grande Decênio*

(...). Lembrando o PIS e o PASEP  
E também o FUNRURAL

O esquema beijafloriano seria seguido por outras Escolas de Samba, rompendo-se, assim, com o samba no pé, o samba do povo. Neste contexto, a figura mais importante da Escola de Samba passou a ser a do Carnavalesco, ou seja, aquele cujas ideias a Escola necessita para se classificar ou ganhar o título de campeã do Carnaval. A importância do Carnavalesco assume maiores proporções com a proximidade do carnaval, sendo até maior do que a do Presidente da Escola.

Evidentemente, nem todas as Escolas de Samba seguiram os caminhos da Beija Flor de Nilópolis. O Grêmio Recreativo Escola de Samba Em Cima da Hora em 1976, desenvolveu o enredo “Os Sertões”, baseado no livro de Euclides da Cunha, contando a Revolta de Canudos liderada por Antônio Conselheiro, portanto tema polêmico, segundo a visão do regime autoritário (1964/1985). Pela ousadia, a “Em Cima da Hora”, foi à última colocada do desfile sendo, como consequência rebaixada para o então grupo 2 (atual grupo de acesso), pois as grandes Escolas desfilam no chamado Grupo Especial. Já o Grêmio Recreativo União da Ilha do Governador quando começou a desenvolver o enredo “Um Herói, uma Canção, em Enredo”, onde retrataria a Revolta de Chibata foi sua Diretoria chamada ao 1º Distrito Naval para apresentar a sinopse do Enredo. Mesmo passando pela fiscalização da Marinha a União da Ilha quase teve o mesmo destino da “Em Cima da Hora”, escapando por pouco de ser também rebaixada.

Com a construção do “Sambódromo” esta ingerência estatal se aprofunda, na medida em que se elitizava cada vez mais o carnaval. Ao mesmo tempo vários interesses empresariais e comerciais são criados ou mantidos afastando os setores populares dos desfiles através da cobrança de ingressos caros e da dificuldade de visualização dos desfiles.

Todavia, a reação das Escolas de Samba ao intervencionismo governamental obteria algumas vitórias, ainda na primeira fase do processo de “redemocratização”, iniciada no fim do Governo do Presidente Ernesto Geisel e aprofundada durante o Governo do Presidente

João Figueiredo. Com o esgotamento do “Milagre” verificaríamos o recrudescimento do Movimento Sindical no ABC, a reorganização dos Sindicatos, a sobrevivência de setores de esquerda, apesar dos anos de repressão, o revigoramento do Movimento Estudantil e, conseqüentemente, da UNE, a exigência da Anistia, a necessidade de mudanças constitucionais para a sobrevivência do Regime, o fortalecimento dos setores populares organizados em Associação de Moradores de Bairros, as pressões da Igreja Progressista, dos jornalistas (ABI), dos intelectuais (SBPC), os advogados (OAB) entre outros. Assim, em 1982, já existe um espaço para a resistência das Escolas de Samba. Neste ano, Escola de Samba Império Serrano (Bum Bum Patitumbum Prugurundum) que criticava o modelo beijafloriano e a Escola de Samba Caprichosos de Pilares (Moça Bonita não paga), enredo que criticava a situação econômica do Brasil, venceram seus desfiles respectivamente no grupo Especial e no Grupo de Acesso. Cabe acrescentar que neste ano foram realizadas eleições diretas para Governador de Estado em todo país, vencendo no Rio de Janeiro, Leonel Brizola (PDT), em São Paulo, Franco Montoro (PMDB) e em Minas Gerais, Tancredo Neves (PP), políticos que atuavam na oposição ao governo exercido pelo PDS.

Dentro desta linha podemos citar o desfile de 1983, quando a “Caprichosos de Pilares”, de forma inexplicável, durante sua apresentação na passarela, viu a luz e o som da Marquês de Sapucaí pifar. Seu enredo, neste carnaval, abordava o tema “Um Cardápio à Brasileira”, quando a Escola buscava apresentar o resultado do desfile do ano anterior “Moça Bonita não paga”, que retratava uma feira livre e que lhe deu a vitória no Grupo I e a possibilidade de desfilar no Grupo Especial. Todavia, ela não se intimidou, pelo contrário, em 1984 veio uma sátira com o enredo em homenagem ao humorista Chico Anísio - “A Visita da Nobreza do Riso a Chico Rei em um Palco nem sempre Iluminado” - onde se liam, inclusive, frases que exigiam Eleições Diretas para Presidente. Em 1985, esta mesma Escola

viria com uma nova sátira ao Regime Autoritário com o enredo “E por falar em saudades”, que ridicularizava os 21 anos de arbítrio que apresentava o seguinte samba enredo:

Oh! Saudade ...  
 Meu Carnaval é você  
 Caprichosamente  
 Vamos reviver,  
 Vamos reviver  
 ‘Saudadeando’  
 O que sumiu no dia a dia  
 Na fantasia de um eterno folião  
 O bonde  
 O amolador de facas  
 O leite sem água  
 A gasolina barata.  
 Aquela seleção nacional  
 E derreteram a taça na maior ‘Cara de Pau’  
 Quero votar  
 Diretamente, o povo escolhia o presidente  
 Se comia mais feijão  
 Vovó botava a poupança no colchão  
 Hoje está tudo mudado  
 Tem muita gente no lugar errado (...).

Em 1984 as Escolas de Samba ganhariam um espaço definitivo para a realização de seus desfiles, a Passarela do Samba Darcy Ribeiro localizada na Avenida Marquês de Sapucaí, sendo uma iniciativa do então governador Leonel Brizola. No ano de sua inauguração o Sambódromo, como é mais conhecido, teve três desfiles distintos. No domingo de Carnaval tivemos um primeiro desfile cuja vitória coube a Portela e no segundo desfile, na segunda-feira, a vitória coube a Mangueira. No sábado seguinte, as primeiras colocadas de cada dia se apresentariam novamente, disputando um supercampeonato que seria vencido pela Mangueira com o antológico enredo “Yes, nós temos Braguinha”.

## **V – Considerações Finais**

Procuramos demonstrar em nosso artigo que o carnaval e, sobretudo, o desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, é um momento mágico da sociedade brasileira. Sociedade que ainda se notabiliza pelo conservadorismo e pela expressão “você sabe com

quem está falando?”. Porém, nos dias de carnaval esta mesma sociedade se transforma tornando-se democrática, flexível e tolerante. Mesmo assim, a grande festa popular da sociedade brasileira, ainda mantém suas características preconceituosas e manipuladoras.

Deste modo, o Estado repressor e autoritário, uma das marcas do estado brasileiro, procura manter sob rédeas curtas esta mesma sociedade. Todavia, neste caso, utiliza-se de formas não-coercitivas para manter a grande festa sob controle as obrigando a se transformar, através das Escolas de Samba, como agente propagador da ordem. Assim, a história das Escolas de Samba do Rio de Janeiro apresenta exemplos que confirmam nossa afirmativa. Neste sentido podemos citar:

1 – a ingerência das autoridades na organização dos desfiles das Escolas de Samba, a partir de 1935;

2 - a obrigatoriedade de enredos nacionais sem crítica uma verdadeira apologia a historiografia tradicional brasileira, o culto ao herói, a partir do Estado Novo;

3 – a constante mudança do local do desfile, segundo os interesses das autoridades, Praça Onze, Avenida Rio Branco, Avenida Presidente Vargas, Avenida Antônio Carlos e finalmente, a Avenida Marquês de Sapucaí, onde hoje se localiza o Sambódromo;

4 – a sugestão dada pelos militares durante a ditadura para que as Escolas de Samba apresentassem enredos mais atuais que tratassem do “grande momento” que o Brasil vivia no final dos anos 60 do século XX, Milagre Brasileiro, fato acatado por uma Escola de Samba que por coincidência inicia sua ascensão a partir daí;

5 – a própria construção do sambódromo, a Passarela do Samba;

6 – a atual preocupação das autoridades em afastar dos desfiles das Escolas de Samba os contraventores que até então, sem serem incomodados, eram os grandes patronos destas agremiações com raras exceções.

Evidentemente, o assunto não se esgota nesse pequeno artigo, visto que o Carnaval é uma manifestação bastante complexa e diversificada. Ao mesmo tempo, ele se mantém sob constante mutação chegando mesmo a reviver antigas manifestações, embora com uma roupagem diferente, como é o caso dos atuais blocos de rua, os antigos “blocos de sujo”, que chegam a arrastar pelas ruas da cidade milhares de foliões que podem se divertir sem gastar um único centavo. Enquanto isso, as Escolas de Samba que nos seus primeiros desfiles se apresentavam para as suas próprias comunidades, hoje se tornaram atrações de certa forma elitizadas, pois suas apresentações – Grupo Especial e Grupo de Acesso – ficam restritas à passarela do samba, onde os ingressos são muito caros, sobretudo camarotes e frisas, e as cortesias e as arquibancadas populares ficam muito mal localizadas, com uma visão um pouco comprometida, seja pelo fato do setor 1 ser ainda uma área de concentração do desfile ou pelo fato de que os setores 6 e 13, além de estarem distante da pista, serem setores onde há o encerramento do desfile, área de dispersão.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIL CULTURAL. *Nosso Século*. São Paulo. Abril Cultural, 1980. 5v.
- ALENCAR, Edigar. *O carnaval carioca através da música*. 2 ed.: Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1965.2v.
- \_\_\_\_\_. *Nosso sinhô do samba*. 2 ed.: Rio de Janeiro, FUNARTE, 1981.
- ALVES, Henrique Lesiskas. *Sua Excelência o Samba*. São Paulo: Símbolo, 1976.
- ARAÚJO, Ari. *As escolas de samba: um episódio antropofágico*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- AZEDO, Maurício. *Retrato do Brasil*. São Paulo: Três, 1984. 2v.
- BARBARÁ, Paulo Henrique. *Mangueira, estação primeira*. Rio de Janeiro: São José, 1972.
- CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba: o que, quem, como, quando e por quê*. Rio de Janeiro: Fontana, 1974.
- CHAUÍ, Marilena. *Crítica e Ideologia. Cadernos SEAF*. Ano 1, nº 1. Rio de Janeiro: 1978.
- CONFETE, Rubem. *Samba: origens, evolução e situação atual*. In: mimeo, 1975.
- COSTA, Haroldo. *É hoje as escolas de samba de Lan*. São Paulo: Vitale, 1978.
- EFEGÊ, Jota. *Figuras e coisas do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GOLDWASSER, Maria Júlia. *O palácio do samba: estudo antropológico da Escola de Samba*

- Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- GOMES, O. Martins. *Carnaval carioca ... e outros flagrantes do Rio*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1965.
- GOENDER, Jacob. *A Burguesia brasileira*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- IANNI, Octávio. *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- \_\_\_\_\_. *O ciclo da revolução burguesa*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- JÓRIO, Amaury & ARAÚJO, Hiran. *Escolas de Samba em Desfile: vida, paixão e sorte*. Rio de Janeiro: Poligráfica, 1969.
- LEOPOLDO, José Sávio. *Escola de Samba Ritual e Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- MATTA, Roberto da. *Universo do carnaval: imagens e reflexões*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Carnavais, malandros e heróis*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- MORAES, Eneida. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- MOTTA, L. Gonzaga. Cultura de Resistência e Comunicação Alternativa no Brasil. In: *Comunicação & Política*. Vol.1 nº 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Carnaval da redentora à Praça do Apocalipse*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- ORTIZ, Renato. Considerações sobre a cultura popular. In: *Ciência e Cultura*: 1135/1139. mimeo, s/d.
- PROENÇA, Ivan C. “Enredo em Escola de Samba”, mimeo, s/d.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. “Carnaval Brasileiro: da origem européia ao símbolo nacional”. *Ciência e Cultura*, 39 (8) 717 – 729, mimeo, s/d.
- \_\_\_\_\_. “No Brasil, bailes de carnaval: espelho meu, espelho meu, haverá no mundo festa mais louca do que eu?” *Ciência e Cultura*, 38 (5) 789/ 809, mimeo, s/d.
- \_\_\_\_\_. “Escolas de Samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana”. *Ciência e Cultura*, 893/909, mimeo, s/d;
- RECTOR, Mônica. “Passarela do samba” uma interferência cultural/ ou a invasão do espaço. *Ciência e Cultura*, 969/972.
- RODRIGUES, Ana Maria. *Samba Negro: espoliação branca*. São Paulo: Hucitec, 1984.
- RUDÉ, George. *Ideologia e Protesto Popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- SEBE, José C. *Carnaval, Carnavais*. São Paulo: Ática, 1986.
- SILVA, Marília T. B. da. *Mangueira, Rio de Janeiro (Escola de Samba)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- \_\_\_\_\_ & SANTOS, Lygia. *Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.
- \_\_\_\_\_ & CACHAÇA, Carlos & OLIVEIRA FILHO, Arthur L. de. *Fala, Mangueira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- \_\_\_\_\_ & OLIVEIRA FILHO, Arthur L. de. *Silas de Oliveira: do jongo ao samba enredo*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Cartola: Os tempos idos*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.
- SODRÉ, Muniz. *Samba: o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.



SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 6 ed. Rio de Janeiro, 1978.

TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular: um tema em debate*. 2 ed. Rio de Janeiro: JCM Editores, 1969.

VALENÇA, Raquel Teixeira & VALENÇA, Suetônio. *Serra, serrinha, serrano: o império do samba*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

VEYNE, Paul. “Tudo é histórico, portanto a História não existe”. In: SILVA, Maria Beatriz N. da (org.) *Teoria da História*. São Paulo: Cultrix, 1976.

\* \* \*